



MARCELLO CAMPOS/ESPECIAL/JC

reportagem
cultural

Com trajetória
multifacetada, o pintor,
ilustrador e professor
Joaquim da Fonseca se
mantém ativo aos 90 anos

O mestre gaúcho da aquarela

Marcello Campos, especial para o JC

Técnica milenar de origem atribuída aos chineses (sempre eles), a aquarela costuma ter por base a aglutinação de pigmentos minerais, vegetais ou sintéticos a uma resina de goma arábica. O pincel é embebido em água e usado para diluir, depois aplicar o material sobre uma superfície em tecido ou papel de alta espessura (seco ou umedecido), resultando na criação de imagens cujos contornos imprecisos das manchas de cor definem um dos mais inconfundíveis estilos de pintura. Pode parecer simples, mas exige olhar sensível, mão firme e um imenso talento, sobretudo na representação figurativa de retratos, paisagens ou naturezas-mortas – um vaso de flores, por exemplo.

A história da arte no Rio Grande do Sul coleciona nomes de referência na modalidade. José

Lutzenberger. Carlos Mancuso. Nelson Boeira Fiedrich. João Mottini. Nenhum deles, talvez, tão diretamente identificado quanto Joaquim da Fonseca, em plena atividade aos quase 91 anos (a se completarem em fevereiro) e com uma carreira multifacetada. Produtor gráfico. Chefe de redação. Ilustrador. Diagramador. Publicitário. Designer. Escritor. Professor universitário. Artista plástico. Na origem está o guri nascido em Alegrete, quinto dos oito filhos de uma dona de casa e de um funcionário público transferido para Santa Maria e, por fim, Porto Alegre.

“Minha mãe era talentosa no desenho acadêmico e, mesmo sem ter visto ela em ação com lápis e papel, alguns trabalhos guardados me entusiasmaram a continuar rabiscando”, relembra. “A gente vivia na Capital desde 1948, quando eu tinha 13 anos, e meu divertimento preferido nos tempos de Julinho

era o cinema. Os jipes, tanques e aviões que eu via nos filmes de guerra, reproduzia em papel quando chegava em casa, na Vila do Iapetec e depois na Azenha. No final da adolescência, escapei do serviço militar e fui aprovado no Instituto de Belas Artes, em uma época de professores como Aldo Locatelli, João Fahrion, Alice Soares, Ado Malagoli, Fernando Corona e Angelo Guido”, enumera.

Antes de obter o diploma, aceitou convite para substituir na icônica Revista do Globo um ex-colega de escola que estava deixando o time de ilustradores. Suas habilidades extrapolavam a mera questão visual: percebendo que o rapazinho logo passara a dominar todo o processo de feitura de uma das mais respeitadas publicações culturais do País, em novembro de 1956 os irmãos Bertaso – donos da empresa – o encarregaram do setor de Pla-

nejamento Gráfico. A competência demonstrada resultou na promoção, 10 meses depois, à Chefia de Redação, algo impensável para um jovem que ainda nem somava 23 anos: “Eu sequer tinha experiência de vida para tamanha responsabilidade, mas dei conta do recado.”

Parceiro de profissionais do gabarito de Célia Ribeiro, José Zukauskas, Lineu Martins, Tereza Brochado da Rocha Garbim, Antônio Ronek, Irene Mayer, Leo Guerreiro, Antônio Goulart e colaboradores como o escritor Erico Verissimo, Joaquim permaneceu no cargo de setembro de 1957 a dezembro de 1960, eventualmente contribuindo também com ilustrações. “Saí da revista porque a empresa tinha uma regra interna de não manter o empregado mais de 10 anos, devido a questões trabalhistas”, conta. “Fiquei algum tempo parado, até ir para o recém-fundado jornal Última

Hora, como diagramador, algo também novo na imprensa gaúcha.”

O periódico só durou até 1964. Antes, um amigo da MPM Propaganda avisou que a agência precisava de desenhistas, pois a qualidade técnica dos jornais ainda era péssima na reprodução de fotografias, exigindo que vários anúncios dependessem de imagens ilustradas. Da prancheta a serviço dos mais variados clientes de médio e grande porte, durante mais de uma década, o balanço é positivo, mas com uma ressalva. “Não me agradava muito trabalhar nessa área, porque naquele tempo a publicidade ainda era meio mal vista e muita vezes levava a culpa de tudo”, explica. O capítulo seguinte seria um caminho naturalmente seguido por outros contemporâneos: a atividade docente.

Leia mais na página central